

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
CASA DE OSWALDO CRUZ**

IVAN RICCIARDI
(Entrevista)

Ficha Técnica

Projeto de pesquisa - Memória do Centro de Pesquisas René Rachou

Entrevistado - Ivan Ricciardi (IR)

Entrevistadores - Lisabel Spellet Klein (LK), Eduardo Vilela Thielen

Data - 04/10/1990

Local – Rio de Janeiro/RJ

Duração: 1h15min

Transcrição - Nathacha Regazzini Bianchi Reis

Conferência de fidelidade - Laurinda Rosa Maciel

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

RICCIARDI, Ivan. *Ivan Ricciardi. Entrevista de história oral concedida ao projeto Memória do Centro de Pesquisas René Rachou*, 1990. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2021. 23p.

Data: 04/10/1990

Fita 1 - Lado A

IR - Eu não me lembro bem a data, mas foi lá por volta de 1940, não, vou lhe dizer, exatamente, 1955, exatamente, foi o ano de 1955! Havia o Instituto de Malariologia, lá na Cidade das Meninas. Nessa Cidade das Meninas, eu era o assistente do Dr. Otis Causey, eu era o primeiro assistente dele, no laboratório de Entomologia, com Otis Causey que era o chefe. Nesse laboratório também trabalhava o doutor [Leônidas] Deane, por uma temporada, nós fazíamos aí diversas pesquisas, seja sobre bromélias, controle de bromélias, sobre biologia de moscas, biologia de mosquitos, e também, nesta época, estávamos iniciando o trabalho sobre a semelhança entre o Plasmodium brasiliensis de macacos e esse Plasmodium vivax. Nesse período, nesta época, houve uma mudança no governo. O Dr. Pinotti deixou de ser o diretor de malária, do Serviço Nacional de Malária, passou a ser então Maneco Ferreira, Dr. Manuel Ferreira. O Manuel Ferreira é que foi nomeado diretor do Serviço de Malária. Neste momento, nesta data que eu não me lembro precisamente o dia, o ano, ou mês, mas mais ou menos em 1955, então mais ou menos nesta época, o Maneco Ferreira convidou o René pra dirigir o Instituto de Malariologia, lá, o Instituto de Malariologia situado na Cidade das Meninas, lá acima de Caxias. Nesta data o René me convidou para que fosse o assistente dele, o Vice-diretor do Instituto de Malariologia, mas isto naquela época não havia essa coisa como já hoje, de nomear, botar documento no papel, bom, qual foi o primeiro problema que René se encontrou, que ele pertencia à malária, ao Serviço Nacional de Malária que situado na rua Mello e Souza, 142, onde ainda hoje está a SUCAM. Ele então tomou posse do Instituto de Malariologia e qual foi o problema que nós dois e principalmente ele, encontramos lá no Instituto? Era um número extraordinário, enorme de empregados e funcionários, era uma quantidade enorme de funcionários, principalmente funcionários subalternos. Então, o que que a gente podia fazer para melhorar esta condição? O termo existe hoje, enxugar, diminuir esse número de empregados lá, sem chocar as pessoas, sem fazer a desgraça das pessoas que iam perder o emprego, e o número de técnicos também que a nosso ver, de René e em minha opinião também, era pequeno o número de técnicos. Posso lhe dizer que o número de empregados tava na casa de 300, entre subalternos. E na realidade, com uma análise que nós fizemos, destes 300 o que nos interessava, que tinha interesse para o Instituto seria mais ou menos 30, 30, 30 e poucos. Era lógico que esse número exorbitante de pessoas era em geral de pessoas de pequena categoria, né, pessoal menor, mas técnicos profissionais, técnicos, isso o número era muito menor, e os que constituíam um número realmente representativo sobre o ponto-de-vista técnico, do ponto de vista científico, era bem restrito. Mas como resolver esse problema? Então, a ideia mãe é do René, a idéia mater central é do René, nós só podemos fazer uma coisa, mudar daqui, mas pra onde vamos mudar? Então René começou a dar uma viagem assim por alguns estados, pra ver onde nós podíamos nos localizar. E nesta viagem ele encontrou a Lina, a Lina, ...

LK - ?

IR - É, doutora Lina. A Lina era uma colega muito grande, muito fantástica, era polonesa de origem, bióloga, trabalhou conosco, também lá no Instituto de Malariologia, mas ela trabalhou em outro laboratório, laboratório de parasitologia com o Rostan. A Lina disse, olha, René, em Belo Horizonte há lá um prédio, e René tocou-se para Belo Horizonte, chegou lá e realmente por intermédio das autoridades chefiadas do Serviço de Malária lá de Belo Horizonte, Dr. Souza, Souza, eu não me lembro o nome direito, ele encontrou um prédio que estava abandonado, grande, completamente abandonado. Então o René começou a emitir telegramas pro Rio de Janeiro, chamando-me para com ele analisarmos e vermos toda aquela coisa, e eu cheguei a Belo Horizonte, chegamos em Belo Horizonte e aí começamos a conversar e a ver e a estudar a instalação do instituto de malariologia nesta avenida, que eu não me lembro mais nem o nome dessa avenida, Afonso Lima, se não me engano...

LK - É, e continua lá.

IR - Nesse mesmo lugar, então, e vimos que realmente era possível instalar lá o instituto, então começamos a ver, olha para ser sincero, nós começamos do tão baixinho, do tão baixinho, que até as instalações de canos, que nós até imaginamos, não sabemos se foi a primeira vez no Brasil, ou a primeira vez no mundo, não sei, eu sei que foi uma coisa da nossa cabeça, não por inteligência ou perspicácia, foi uma defesa pra esquerda porque não tínhamos dinheiro pra fazer a canalização da rede de eletricidade, de água e de gás, porque os laboratórios precisavam de gás, né, então imaginamos aquilo de botar os canos por fora da parede, e pintá-los de acho que foi de vermelho, preto e azul, bom isso já faz tantos anos que eu nem me lembro, mas havia essas

LK - Agora não tá mais assim.

IR - Pois é, aí começamos a instalação do laboratório, mas veja só, nesse tempo, como já tá tudo iniciado, começando a idéia de ter o pessoal, o René, o pai do René teve um trauma, um espasmo cerebral grave. E o René teve que abandonar tudo aquilo e ir lá para atender o pai, e fiquei eu com uma bomba de transportar alguns milhares de cruzeiros, milhões de cruzeiros em material, o estoque de material, e o pessoal que tava lá, ver qual o pessoal que poderia vir pra cá, lá pra Belo Horizonte. Então o truque foi esse! Olha que a inteligência do René... sempre primou pela inteligência, sabedoria nata, uma perspicácia, começou a dar o primeiro resultado, ninguém queria vir, então o problema de selecionar foi fácil! Porque só realmente teriam vontade de ir pra Belo Horizonte dois tipos de pessoas: um tipo de pessoa, realmente aquele que tinha grande interesse pela Ciência, um carinho, um amor muito grande pelos trabalhos, não é isso? Então, e outros que realmente também tinham valor, mas por questões de família dificilmente iriam. Bom, nesse ínterim, o René volta, resolve o problema do prédio, e ele, e continuamos o trabalho ali a instalar o pessoal, mas houve um momento trágico-cômico nessa, porque o primeiro funcionário a aceitar o convite e ir pra Belo Horizonte foi o Roberto Milward de Andrade, hoje está lá na Fiocruz, né? Esse Roberto começou a trabalhar entomologia comigo, ele foi assim, o primeiro digamos assim aluno, e aliás, excelente, sempre foi excelente em todo ponto-de-vista, mas o Roberto já vinha se destacando nesta época quando foi pra, pela sua tendência pela Ciência, inata capacidade científica, e ele trabalhava, começou a trabalhar muito com, ora, o pesquisador da Fiocruz que trabalhava na Ilha dos Macacos,

LK - Ah, o Lejeune de Oliveira?

IR - É, o Lejeune de Oliveira. Bom, já aí o Roberto chegou lá, no dia que ele chega, de noite ele tem uma crise de apendicite terrível, eu chamo um médico, e já tinha ido conosco um rapaz chamado, administrador da SUCAM, era

LK - O João...

IR - Não.

LK - Prezado?

IR - Não, não, não foi ele não, foi o, desliga um pouco que eu vou buscar uma pessoa que tem o nome dele, espera aí.

Pausa na gravação

IR - Aceitou o convite para a parte administrativa o Antônio Henrique Menezes, e a primeira bomba administrativa foi essa. O Roberto teve a crise de apendicite, eu chamei um médico com urgência, não me lembro mais o médico, mas um dos grandes médicos de Belo Horizonte, e o médico na nossa cara, tem que operar imediatamente ou morre! Eu sim, e agora, e cadê o dinheiro? Aí levamos pro hospital e tudo isso, bom, mas ele não pode operar se não houver nenhum responsável, eu sou responsável, eu fui assim, até porque era responsável, depois Menezes, você resolve essa parada, porque eu não sei como se resolve isso aí, eu sei que o Roberto operou e está aí vivo graças a Deus, né? Aí chegou o negócio, criamos, eu tinha recém voltado de uma bolsa de estudos que tive na Itália, sobre Citogenética de anofelinos e comecei a fundar aquele centro de genética que tem lá. Eu organizei aquele centro de genética, estabeleci tudo aqui, convidei o Schreiber prá trabalhar conosco, convidei um outro que até já morreu, qual é o nome dele, é, não me lembro, não, e veio o professor Martins, Amilcar Martins, começou a trabalhar conosco, nesse meio tempo, que está a coisa, que essa é a origem do instituto, o, eu recebi o convite para entrar na Organização Mundial de Saúde, então eu preparei todo o centro de genética prá trabalhar lá prá estudar lá e colaborei com o René nessa coisa toda e tive que ir, fui-me embora porque aceitei o convite prá ser assessor, do cargo de assessoria, de Ecologia.

Pausa na gravação

IR - Estabelecidas essas coisas eu fui e ficou aí, então, vamos falar um pouco sobre o René. O René mesmo, o René como pessoa. A primeira coisa que eu quero dizer, numa análise fria e honesta, prá mim, na minha opinião pessoal, o René foi uma das pessoas mais completas que eu já conheci na minha vida. E completas por que? E olha que eu já estou com 74 anos de idade, e até agora não encontrei outro que superasse o René. Não encontrei mesmo! O René era uma pessoa que se caracterizava por uma inteligência fora de série, uma inteligência extraordinária. A par dessa inteligência, uma simplicidade. Simples, a pessoa mais simples do mundo. A par dessa simplicidade, tinha uma visão científica, um dom científico extraordinário, ele captava as coisas, desenvolvia as coisas de uma maneira extraordinária. Amigo, amigo mesmo de verdade. Modesto, uma das pessoas mais modestas que eu conheci, e um rapagão, pessoa como

hoje o que se chama, um rapagão, visado por tudo quanto era moça, tentando conquistá-lo porque ele realmente era um rapaz de estampa. Aliados a todas essas características, muito estudioso, muito estudioso, um ser rico, ele era um homem de família de posses, de origem de Taubaté, tudo isso, e era uma coisa. Nós tínhamos, depois de muitos anos de trabalhar, o René veio então, já era malariologista por São Paulo. Ele fez o curso de malariologista em São Paulo e veio fazer o curso de malariologia no Serviço Nacional de Malária e foi criado justamente por [José Oliveira] Coutinho e eu fazia parte desse grupo. José Oliveira Coutinho que tinha vindo de São Paulo prá fundar o serviço de pesquisas entomológicas em relação à saúde pública e malária. Principalmente nosso serviço de malária, e eu fui o primeiro, então Coutinho e eu, mas Coutinho foi o primeiro, e eu comecei logo a trabalhar com o Coutinho nas pesquisas do estudo sobre anofelinos e transmissão de malária, tinha um laboratório que era uma sala menor que está aqui, calcule a senhora, era uma sala pequeníssima e nós fomos trabalhar lá em Jacarepaguá, lá nos confins de Jacarepaguá.

LK - Onde Dra. Lina está até hoje.

IR - Não, não era ali, não.

LK - Não?

IR - Não, era onde hoje é um posto de saúde, era um posto de saúde até muito pouco tempo, era na Avenida Geremário Dantas, era na avenida Geremário Dantas, esquina com... e nós tínhamos nossa sala no porão. Aí criamos o primeiro curso de malariologia no Serviço de Malária que nesta época era o Doutor Adel Vargas o diretor, era Adel Vargas, e o secretário, o diretor de saúde era o [João de] Barros Barreto. E nós fizemos, e os professores desse curso eram o Coutinho e eu, fizeram parte o René, fez parte desse curso a Doutora Wanda, qual era o nome da Wanda mesmo? Agora não me lembro o sobrenome dela, um representante do Paraguai, um médico paraguaio, e vários, Galvão, o pai, o tio do Arquibaldo Galvão que hoje está aí.

LK - O Galvãozinho?

IR - Esse era um baixinho, um médico que veio do Ceará, veio fazer parte desse curso, e outros médicos que tiveram aí. E eu sinto essa coisa porque desse momento em diante que René se entusiasmou pelo trabalho de entomologia e se orientou par o trabalho de entomologia, daí ele ter iniciado, e depois de formada essa equipe de malariologistas e que distinguindo-se René e Wanda Callioli, Gillioli?

LK - Não.

IR - Bom, o fato é que o René começou a enveredar pelo serviço de entomologia, pelas pesquisas entomológicas, e realmente deu como médico, porque naquela época, os médicos, não havia biólogo, não havia nada, os médicos faziam a parte de História natural também. René viu grande impulso que hoje se deve à Entomologia, também dos serviços ..., que é padrão prá toda parte, porque com René nós formamos vários cursos, formamos os antigos entomologistas do serviço de malária, a maioria dos trabalhos publicados e os melhores trabalhos publicados estão aí, foram feitos por foram feitos por nossa equipe, há um trabalho que é uma modéstia agora, mas sendo honesto há um

trabalho que lamentavelmente os serviços científicos não homenageiam os pesquisadores brasileiros. E isso chama-se, quem determinou e eu gostaria que a senhora nesse trabalho pense nisso, quem determinou as responsabilidades das *Kerteszi*as, do *Anopheles Kerteszia cruzi* e *Anopheles Kerteszia bellato* e *Anopheles Kerteszia homunculus*, como transmissores de malária no sul do Brasil foram René e eu, esse trabalho fomos nós que fizemos, lá em Pa, começamos lá em Brusque, Blumenau, Brusque, não, Paranaguá, Paranáguá, Brusque e Blumenau. E nós estabelecemos essa, e também nesta época com René nós estabelecemos a primeira linha de metodologia de combate a esses mosquitos, que até hoje não foi superada, até hoje não foi superada, essa metodologia. Então isso é uma coisa que ninguém reconheceu, ninguém fez, ninguém falou no Brasil, não estou falando por mim, não, porque eu sou o co-autor desse trabalho, mas é uma injustiça que se faz ao René, porque foi René que foi lá o primeiro a ver, e me chamou através de inúmeros telegramas prá cooperar nesse programa de Paranaguá.

LK - Isso, a sua colega me falou.

IR - Do qual fez parte, até um moço hoje tá lá, é um professor da Universidade de Curitiba, que foi nosso aluno também, Ênio, Ênio Luz, tá ouvindo, não, mas o Aragão viu essas coisas muitos anos depois.

LK - Não, mas ele me contou...

IR - Ah, ele contou essa coisa, olha há uma coisa muito interessante, sabe uma coisa mais fantástica disso, é que quando nós chegamos em Paranaguá e aí eu cheguei ele já estava, ele era muito moleque, muito amigo e há uma história até gozadíssima, porque ele foi me esperar no trem e ele me apresentou ao secretário do Serviço de Malária de lá, e ele quando eu ia descendo disse, olha, fala alto porque ele é surdo. “Muito prazer!” e ele prá mim “Muito prazer”, e aí começamos um a gritar com o outro, ele disse, escuta meu velho, pode falar baixo porque eu não sou surdo. Mas eu também não sou. Aí eu disse, ah, aí eu ri com o René. (Risos) O sem-vergonha disse que ele era surdo, então nós estávamos gritando. Então, mas nesse serviço, mas era uma época muito gostosa, muito bonita, porque havia um trabalho de alma, um trabalho de equipe, de campo, nós trabalhávamos dia e noite. Vou lhe contar algumas dessas: chegando lá nós ficamos abismados porque ainda era naquela época, e hoje está voltando, o controle da malária se fazia através de Engenharia sanitária. Então havia valas que tinham custado uma fortuna para drenar toda aquela parte de (...) porque a malária transmitia barbaramente, era uma coisa incrível, e aí nós começamos a ver as *Kertesziae*, e fazer trabalhos entomológicos, da biologia, e da ecologia dos mosquitos, da capacidade motora, e fomos ver que eram as *Kertesziae*. Aí nós começamos a enviar nossos trabalhos e realmente pudemos, no tempo em que nós estivemos lá, responsabilizar as *Kertesziae* como vetoras, como as responsáveis pela transmissão da malária nesta área e isto foi publicado, está publicado. É evidente que depois que o filho era bonito, era preciso que outras pessoas tivessem visto, mas na realidade, quem publicou, quem assinou fomos nós, diga-se de passagem, que se deve a Adolfo Lutz a primeira responsabilidade em importância das *Kertesziae* como vetoras de malária, ou co-responsabilidade em malária, não é, é uma coisa [...] e quiçá o primeiro no mundo, o primeiro no mundo. Bom, mas aí foi um trabalho de dia e noite, e vou lhe contar, outro dia também, René era um gigante, né, ele tinha quase um metro e noventa, uma coisa assim, era enorme e

pesava, muito guloso. Então um dia de noite nós fomos para uma ilha que tinha em frente a Blumenau. Chama-se ilha de Svalladares, ilha de Svalladares, e nós atravessamos aquele canal, o rio de Paranaguá, prá fazer os trabalhos noturnos lá. Quando nós voltamos, tarde da noite, o barqueiro, numa canoa grande com muitas pessoas, grande mesmo, René, eu e outros guardas, e tinha, bom quando voltamos de repente, quando [...] diz assim, “Ninguém se mexe”, “Mas o que foi que houve?” Então aí ele pegou o remo e nos botou assim, o remo afundando na lama e a canoa ficou em equilíbrio em plena lama, porque a maré tinha baixado e ele querendo economizar caminho, entrou por canal errado, chegar mais cedo, aquele negócio. E nós passamos ali algumas horas esperando a maré voltar e ninguém se mexia. Todo mundo com dor danada, e a canoa vira prá um lado, porque se virasse a canoa e se nós caíssemos, morríamos. Não tinha como nadar na lama, mas aí a água foi chegando e voltava, então essa é uma das coisas realmente interessantes, fim dessa coisa, esse volume de trabalhos grandes aí, René, tinha orientado, já se orientava junto a Mário Ferreira, que era chefe lá de Santa Catarina, do Serviço de Malária de Santa Catarina, e Paraná, se não me engano Paraná também.

O Mário era, é um grande administrador de Saúde Pública extraordinário, ele dava todo apoio à pesquisa, à ciência, e nós então começamos a desenvolver um trabalho de pesquisas científicas de termos de saúde de malária e estudamos cada vez mais o comportamento e a importância epidemiológica das *Kertesziae*, lá no sul do Brasil.

Para a senhora ter uma avaliação do que foi isso, outro fato cômico e outro científico. Quando nós chegamos naquela época a Blumenau, fazia muito pouco tempo que Getúlio Vargas tinha feito um decreto proibindo que se falasse língua estrangeira no Brasil como linguajar comum. Então aqueles alemães, e de origem alemã que vieram da Europa, passaram a ser obrigados a falar português, e a gente encontrava preto, branco, mulato. Pelo menos honestamente, sem nenhum preconceito racial, foi a primeira vez que eu vi preto falando alemão, né, alemão, eu nunca tinha visto, mas quando nós tínhamos que ir às visitas domiciliares prá ver os hábitos dos mosquitos, então nós começamos a chegar nas casas, as pessoas ficavam apavoradas, pensando que nós éramos, estávamos prendendo por falar alemão, não falar nada de português, e as pessoas ficavam apavoradas com aquilo. Então nosso primeiro trabalho de catequisar as pessoas, não, nós estamos estudando, vendo os mosquitos, porque a malária era um caso sério em Blumenau e aí se apaziguava, mas nós recebemos por parte das autoridades de Saúde Pública, e da população, os empresários de turismo, um apoio tremendo para poder fazer os trabalhos, tinha uma cooperação tremenda em Brusque. Fomos trabalhar em Brusque, Brusque nós iniciamos onde havia um seminário, onde nós capturávamos 5 mil *Kertesziae*, exemplares de *Kertesziae* assim por noite. Por dia, trabalhando horas seguidas, dias seguidos, bem, mas aí em Brusque, onde nós recebemos também um apoio não financeiro, mas material, e apoio vamos dizer, moral, apoio técnico, houve uma coisa fantástica, a média de falta nas fábricas de Brusque.

Eu me lembro perfeitamente desse dado: a média de faltas por malária por dia nas fábricas de Brusque, variava entre 50 e 60%, no período de transmissão. Depois que se iniciou o combate à malária, já tendo como objetivo, controlar as *Kertesziae*, essa porcentagem baixou praticamente a zero, praticamente a zero. Eram mínimos os índices de falta ao trabalho por causa da malária.

LK - Como é que é? A média em torno?

IR - Era de 50 a 60 %.

LK - Era mais da metade?

IR - Mais da metade da população operária das fábricas. A malária, era terrível mesmo a transmissão da malária, porque as *Kertesziae* têm uma coisa muito interessante: elas pousavam na maioria, na maior parte do tempo no teto das casas, ficavam lá escondidas, e por causa do frio, as casas se fechavam muito, elas passavam todo o tempo lá dentro e podiam transmitir bastante vezes.

LK - Então elas não saíam?

IR - Pouco saíam; só saíam depois quando abriam, mudavam as condições. Bom aí foi se desenvolvendo, toda a coisa e com o Mário Ferreira, quando se melhorou dessas condições, surgiram grandes nomes como Milton Moura Lima, [...], Joaquim Ferreira Neto, faltou um que trabalhou muito tempo lá, Manoel, Manoel, Manoel, não me lembro, Manoel, um grande entomologista, [...]. Apareceu também em Paranaguá, tinha o Camerino, Camerino em Paranaguá, muito bom; essas foram equipes que foram prá lá, e com essa coisa o René foi se projetando no mundo científico nosso. Estudou-se muito, o René fez com, com o Ferreira Neto, e aí não era mais eu, eu estava fora, então o René já fez com Milton Moura Lima e Ferreira Neto, um trabalho extraordinário sobre a transmissão da filariose em Florianópolis determinando o ciclo de circulação na corrente circulatória periférica das filárias a passar de meia-noite, entre meia noite e três horas da manhã. Mas aí era o *Culex* como responsável pela *Culex fasciatus* como responsável pela transmissão da filariose, que foi a primeira determinação da presença da filariose em Florianópolis foi feita pelo René e essa equipe.

LK - Dr. Ivan, nós encontramos um filme, não tem muito a ver com o René Rachou, mas tem com a campanha da, do Serviço Nacional de Malária, que por volta de 50, não sei determinar exatamente a data, mas é a guerra das bromélias...

IR - Ah, bom, isso foi uma, olha eu tenho uma certa vergonha, eu tenho uma certa vergonha, de comentar isso, mas a evolução é fato, não pode gravar.

LK - Fico com medo que tenha acabado a fita.

IR - Já acabou? É, são verdadeiros dilemas que o homem se encontra, não é isso? Primeira coisa: as bromélias constituem um fator preponderante na manutenção, na existência das florestas, porque elas acumulam água e são aos milhões! Não se pense que são uma duas, não: são milhões! Nós encontramos árvores com 10 mil bromélias, encontramos bromélias com dez litros de água, com uma capacidade prá 10 litros de água; encontramos larvas em bromélias com um centímetro cúbico de água e larvas com 10, 12, cinco litros de água. Então, o acúmulo dessa água, da precipitação fluvial é tão grande que mantém o grau de umidade das bromélias, tudo isso. E não havia outro meio de combater a *Kertesziae*, senão retirar as bromélias. Então, com isso nós estávamos afetando o ecossistema do meio daquele ambiente florestal, não há a menor dúvida. Mas aí ficou naquele dilemma; ou acabamos com a malária e deixamos as bromélias ou acabamos com as bromélias e deixamos a malária. O fato é que a malária era realmente grande, e todos os processos que se usaram, todos, aplicação de fog,

aplicação de substâncias químicas dentro das bromélias, é, não resolveu nada, se usou banhos de sulfato de cobre e outros inseticidas na época, nada resolveu, não resolveu.

Fita 1 – Lado B

IR - Então a verdade nua e crua era essa: tinha que se destruir as bromélias e realmente com isso foram destruídas milhões de bromélias. Mas a verdade, a verdade, é que essa destruição foi passageira, porque as bromélias continuavam seu ciclo evolutivo, é lógico, tardando muito tempo. Aqui esteve um grande, foi por nós, por René, foi convidado o padre, padre, aquele que foi diretor lá de...ora qual é o nome dele mesmo? Desliga que eu vou buscar o nome dele. Quando nós iniciamos, pouco depois de iniciarmos o trabalho sobre o estudo do comportamento e responsabilidade epidemiológica das *Kertesziae*, em Brusque, onde estabelecemos um laboratório de estudos, nós convidamos o Dr. Henrique Veloso, que era naquela época um ecologista existente. Ele era botânico e fazia parte de ecologia, ele é que foi lá nos dar uma orientação melhor no estudo das espécies das bromélias, comportamento das bromélias, uma ajuda nesse sentido, aí seguindo através da coisa, convidamos o padre Raulino, que era, não resta a menor dúvida, era e é, uma das maiores autoridades em matéria de classificação e sistemática de bromélias. Também nós trouxemos o Leibniz Smith, do, daquele Instituto Smithsonian, lá dos Estados Unidos, de Washington, que por correspondência nos orientou muita coisa, e também tivemos a visita de Peter Colling. Peter Colling era um grande pesquisador, mas grande, ele foi uma pessoa extraordinária que teve conosco vendo as nossas bromélias, estudando, porque nós não sabíamos, não conhecíamos bem a classificação das bromélias, a sistemática botânica das bromélias. Aí aprendemos e começamos a suprir as nossas necessidades técnicas nesse sentido, e começamos realmente, fizemos lá, aí nós estudamos não só o vôo das *Kertesziae*, mas a densidade em planos horizontais até o topo das árvores, e isso fizemos um estudo completo, e o pai desse...

LK - Em que ano?

IR - Bom, isso foi, isso que eu estou relatando decorreram alguns anos. Isso não foi assim feito, foi devagar, o ponto inicial, a partida, o pontapé inicial do jogo foi em Paranaguá, foi esse que acabei de lhe relatar lá, tudo isso. Aí no Brasil, como obra muito importante do René dei essas, mas eu vou mais uma, que nós fizemos muito bonita, muito boa, e digo, nós fizemos, porque eu cooperei com isto, cooperei e tenho muito orgulho disto. É a primeira vez na vida, minha senhora, que eu estou falando nessas coisas, viu? Uma das coisas que realmente estão aí e ninguém cita, que o pai fundamental, é a Revista de Malariologia. Essa revista de Malariologia nasceu, até bem pouco tempo eu tinha aqui o primeiro número, nasceu da idéia de René e Bustamante, Fernando Bustamante, e o seu amigo aqui. Nós fizemos o primeiro trabalho e a primeira coisa, os primeiros trabalhos sobre essa, e o primeiro número foi um número mimeografado; o primeiro número da Revista de Malariologia é mimeografado. Outra coisa, que o Brasil não pode esquecer, e que o Serviço de Saúde Pública não pode esquecer, e que se devem a René foi a formação do corpo de entomologistas. Aí houve, eu posso, será que eu me lembro de vários, alguns já morreram, mas eu vou dar por ordem assim... ordem, não é ordem de valor, mas ordem de que me lembro dos nomes:

Milton Moura Lima, Joaquim Ferreira Neto, José Mario Patriota do Nascimento, Otávio, Otávio, Otávio, que trabalhava no Ceará, [...], Pery Santana, Miguel Lopes de Souza.

LK - O Miguel eu conheço.

IR - O Miguel foi meu aluno quando tinha 18 anos, dei muito cascudo nele.

LK - É, parece que ele merece ainda...

IR - Galvão, Arquibaldo Galvão, oh, meu Deus, eu quero me lembrar, um que morreu faz pouco tempo, faz uns meses que morreu, Otávio Bezerra, o nome dele, agora me lembrei, ah, depois nós formamos, foi lá em Belo Horizonte formar foi Alda, Alda, começou comigo no Ceará, Alda era...

LK - O senhor participou daquela campanha no Ceará?

IR - Eu fundei os laboratórios no Ceará, no Piauí e Maranhão.

LK - Ali foi *Gambiae*, né?

IR - É, foi *Gambiae*, a campanha, mas ali não era mais a campanha do *Gambiae*, foi posterior, eu não trabalhei na campanha do *Gambiae*.

LK - Ah, porque a Alda começa trabalhando na campanha do *Gambiae*?

IR - Não, não.

LK - Ela me contou isso...

IR - Então ela começou a trabalhar na campanha do *Gambiae* como escritu...

LK - Na cidade dela.

IR - Ah, em, na, em ...

LK - Como, eu acho...

IR - Ela era escriturária, uma coisa assim; foi trabalhar na, em Entomologia que foi minha aluna, quando eu fundei o laboratório de Entomologia em Fortaleza.

LK - Aí foi em Fortaleza.

IR - Mas ela tinha 18 anos nessa época.

LK - Parece que ela começa a trabalhar com 14.

IR - Ah, pois é, então, ela ajudava...

LK - ...Acho coleta, ou...

IR - É, porque na campanha do *Gambiae*, os gringos tinham aquela maneira muito prática, porque o *Gambiae* dá uma quantidade enorme de larvas. Então o pessoal foi treinado, é *Gambiae* ou não é *Gambiae*? É *Gambiae* ou outra coisa qualquer? Então as larvas do *Gambiae*, do anofelinos, de *Anopheles Gambiae*, ela tem uma característica que para jovem é fácil, porque macroscopicamente pode se ver, os pelos. Então com a presença desses pelos laterais era possível distinguir a olho nú, as larvas de *Gambiae* ou de qualquer outro tipo de anofelino, ou qualquer outro mosquito. Mas era *Gambiae* ou não era *Gambiae*? Então eles tinham em série essa coisa prá ver a distribuição e a densidade do *Gambiae* em Aracati.

LK - Aracati.

IR - É, Aracati, não é isso, mas eu não disse, eu sou a posteriori disso.

LK - O senhor já vai quando...

IR - Teve Josélia, Josélia foi um grande elemento, Zuleika, Arino, Zuleika Guedes, Arino Guedes, e Josélia Martins, que foram grandes entomologistas formados por nós, e Azambuja, Carlos Azambuja, veja só...

LK - Começam a investir...

IR - E foi anos isso, todos eles já saíram, lamentavelmente a obra do René foi, e me permita uma crítica às autoridades, mas de alguns anos prá cá não renovaram, não renovaram essas equipes também e hoje podia-se renovar em muito melhor estilo porque há biólogos a valer. Antes não havia nenhum biólogo, nós tínhamos que formar, dar cultura biológica a esse pessoal, tecnológica, entomológica. Enfim, nós tínhamos que fazer toda aquela equipe desde a estaca zero e isso morreu. O último que saiu foi o Perry Santana, que se aposentou há três meses, o último dos moicanos.

LK - É, tem Miguel, que ainda estão...

IR - É, mas esses tão fora...

LK - Estão fora.

IR - Fora do Serviço de Malária e não puderam criar mais gente, não puderam criar mais gente.

LK - Não, não, não reproduziram, Alda [Falcão] é que tá lá no René Rachou trabalhando com o laboratório de ...

IR - Tinha outra menina muito boa que trabalhou, que foi minha aluna também por um tempo, foi Turmalina, Turmalina Saraiva. Turmalina trabalhou muito bem lá, tinha uma outra menina que não me lembro o nome dela, ela saiu há pouco tempo. Essas foram minhas alunas lá e a Josélia começou comigo lá no Piauí, lá em Teresina que eu fui montar o Laboratório lá. Ora, isso fazem 40 e tantos anos, né, já, 40 ou 50 anos.

LK - ?

IR - Bom, daí eu já fui, em 1955 eu saí prá Organização Mundial de Saúde e só voltei em 1971.

LK - Então quando o senhor foi transferido prá Belo Horizonte, logo depois o senhor...

IR - Logo depois eu fui me embora, eu preparei ...

LK - O doutor [Ernest] Paulini me disse que era o Ivan foi...

IR - Ah, mas o Paulini é uma história muito bonita, sabe?

LK - Aí a Dona Lívia ainda me contou que o senhor foi buscá-los na estação do trem.

IR - É, pois é.

LK - Ela ficou muito emocionada.

IR - Pois é, eu levei o Paulini prá... ele era um dos 30. Tá vendo, Paulini era um dos 30, eu vou lhe contar a história sobre Paulini, que isso fica na história do Instituto, né, o Paulini era um sujeito fabuloso, fabuloso. Ele Paulini era, ele e a família dele, acontece o seguinte: veja só, com Causey, um dia Causey chegou prá mim “Oh, Ivan”, o Causey era muito meu amigo, e eu fiz o exame prá ser assistente dele, sem vergonha, e eu não sabia que estava sendo examinado. Depois ele mesmo é que me mandou, eu fui prá Europa fazer curso de Citogenética em anofelinos, na Universidade de Pavia, com bolsa dada pela Rockefeller Foundation, mas o Causey um dia chegou e falou prá mim: “Ivan, tem aí um químico muito bom, e que ele conhece o (?) e entrou no Serviço de Malária e ia vir trabalhar aqui, mas ele está lá meio deslocado. Você quer falar com ele?”. Eu sempre fui aquele que acho que a gente precisa estender a mão aos outros e fui lá buscar o Paulini. Ora e foi uma amizade que nasceu fantástica. E o Paulini o que que era? O Paulini era um indivíduo de uma cultura fantástica, uma cultura geral excelente, uma inteligência prima, uma cultura química extraordinária, mas era um homem que estava aterrorizado, acabado pelo pavor da guerra. Esse homem ficou enterrado em lama, em buracos de bala de canhão, com gelo até o (?), aparando o filho que era jogado de um andar lá, correndo de incêndio. Era um homem realmente traumatizado, barbaramente traumatizado, ele e a família; ele quando ia na nossa casa, contava que ele com o filho congelando no colo e era o filho dele, era um, foram coisas realmente, e ele chegou e começou sabe sempre, aquela pessoa que não davam a devida atenção. E nós dois aí começamos a publicar os primeiros trabalhos, começamos a trabalhar juntos, começamos a publicar os primeiros trabalhos, eu conheci a Lívia...

LK - Lívia.

IR - Lívia, Lívia, a filhinha dele, a Helena e o filho que era o Ernesto. O Ernesto eu falei há uns seis anos, eu falei com ele aqui, mas eu não vejo Paulini há muitos anos. Prá mim é extraordinário! Ele prá mim é uma coisa fora de série, e foi uma amizade muito bonita, e ele se desenvolveu aí com a cultura dele. Me lembro que Paulini era um

sujeito tão hábil que ele tinha um livro, ainda me lembro como se fosse hoje, ele tem, ele deve ter ainda esse livro, ele tem um livro de Química que foi oferecido a ele e autografado por Einstein. Ele tem esse livro.

LK - Esse ele não mostrou.

IR - Mas tem, pergunta lá que ele talvez tenha esquecido. Ele tem esse livro, é um livrinho pequeno assim, fino, desse tamanho. Mas nós nos demos muito bem, e ele foi um dos primeiros que eu fui até buscar na estação e ficaram por lá e estão por lá. Eu não sei o que foi feito da Helena, sabe como está?

LK - Helena está trabalhando, está acabando o Mestrado agora...

IR - Mas está na universidade?

LK - Está na universidade, está com um filho grande.

IR - A Helena?

LK - É, tem 13 anos o menino, tem a idade da minha filha.

IR - E Ernesto como está?

LK - Olha, Ernesto é que eu não...

IR - Tá aqui no Rio, não é, tá aqui no Rio.

LK - É...

IR - Ele trabalhava aqui no Rio, trabalhava na Cedae, se não me engano, eu acho que eu o encontrei aqui na Cedae.

LK - Ah, ...

IR - Mas o Paulini eu...

LK - E eles estão felizes de estar lá, eles têm medo do Rio.

IR - Não, e eles se aposentaram já, Paulini já está aposentado, continua trabalhando ou não?

LK - Não, tá aposentado, tá em casa, e bom tá um pouco surdo...

IR- Ah, é (Risos), ah, o Paulini ele foi prá OMS como técnico e também eu fui um que incentivei, e o René também, em umas vindas que vim aqui ao Brasil, e vi o René posto assim de lado, aí eu “Ah, ô René, a OMS tá precisando de você prá burro, por que que você não vai prá lá? Lá é bom”, aí ele aceitou o meu conselho e foi. Lamentavelmente ele faleceu num acidente, tonto, bobo, coisas da vida, né? Mas realmente o René foi um ente extraordinário e que é um dos grandes cientistas que o Brasil teve. Não há a menor

dúvida, e ele primava, pena que morreu moço, ele morreu com 40 e poucos anos, não é?

LK - É, é.

IR - Ele morreu em 1960. Quando morreu o Kennedy?

LK - Ele morreu em 63.

IR - Ele morreu, um mês eu creio que antes do Kennedy.

LK - É, ele, acho, morreu em novembro, acho.

IR - É, em novembro.

LK - Ou ele morreu em outubro, o Kennedy morreu em novembro.

IR - É uma coisa assim, eu sei.

LK - Eu tenho anotado.

IR - Sabe por que que eu sei? Eu tinha...

LK - Porque o senhor estava lá.

IR - Eu estava fora, mas por um acaso, eu não soube de nada. Eu soube da morte do René lendo no jornal aqui no Rio, porque eu, por acaso, tinha passado aqui no Rio. Eu tinha vindo ver o meu filho e minha mulher porque tinham estado aqui no Rio porque tavam fazendo exame e o meu filho Ivan eu acho que foi uma das primeiras pessoas no mundo, no mundo a saber a morte do Kennedy, tá ouvindo? Porque eu tinha trazido prá ele um rádio, muito bom de presente, eu dei a ele e como ele foi criado no Perú ele sabia bem inglês. E começou a experimentar o rádio, apanhar na onda dos Estados Unidos. Nesse momento deu lá a morte em Dallas, ele pegou Dallas e às 11 e pouca da manhã nós estávamos sabendo que Kennedy tinha sido assassinado. Ele apanhou e eu me lembro que ele, o meu filho, ficou branco porque ele estava adoentado, ele foi educado no Perú. E nós soubemos assim nesse momento. No dia seguinte no jornal, ele morreu, e o René Rachou, aí que eu saí prá ver; ainda fui lá ao enterro dele. Ainda fui ao enterro do René, aqui no Rio. Ele morreu na mesma data, coisinha assim de uma semana antes, ou uma coisa que o corpo tinha chegado, quem trouxe, tava com ele o Miguel. O Miguel tava com René...

LK - O Miguel tava junto?

IR - Tava junto.

LK - Eu não estou conseguindo conversar com o Miguel.

IR - Não, o Miguel estava junto porque o René, o Miguel ficou apavorado, porque o René sentiu que ia morrer, o René disse ao Miguel que ia morrer, olha não chama o

médico, porque o médico lá ele, fizeram uma coisa [...] e ele previu que ia morrer. O René era extraordinário, era realmente extraordinário. Nós fizemos parte, nós fomos, (risos) lembrar as coisas, né, René e eu fomos nomeados os representantes de uma comissão científica que fomos ao Paraguai. Nós fizemos isso, e se a senhora for lá nos anais do Ministério das Relações Exteriores do Brasil, tá lá como a melhor missão científica já mandada ao exterior, não é isso? Nós estivemos no Paraguai três vezes, aquilo foi uma aventura daquelas porque um pesquisador russo que trabalhava lá no Paraguai, tinha mandado para a Sorbonne, senão me falha a memória, a Sorbonne, ou a Alemanha, eu não me lembro prá qual instituição de grande peso, exemplares de *Anopheles Gambiae* que ele tinha coletado no Paraguai. Ah, minha cara doutora, isso foi uma pândega, isso foi um pandemônio aqui. Imagine só, *Gambiae* lá no Paraguai, perto do Chaco, perto do [...], e se invadissem o Mato Grosso. Então a nossa comissão foi feita rapidamente, era o René, fui eu, levamos um guarda chamado Estanislau, de Santa Catarina, e levamos um dos nossos entomologistas que era Arino Guedes, que foi conosco. E lá nós passamos e encontramos com o Dr. Alvarado. Dr. Alvarado era o representante da Argentina nessa mesma missão e lá fizemos. Foram três meses de aventura percorrendo todo aquele, não havia nada fomos muitas vezes o primeiro carro, primeiro caminhão do Exército a chegar no último lugar do Paraguai, e lá estabeleceram...

LK - Mas encontraram?

IR - Hein? Não, o que aconteceu foi o seguinte: nós ficamos numa situação muito difícil porque nós vimos o material e vimos a montagem do que ele tinha mandado e eu disse pro René: “Ô René, ou eu estou maluco, ou isso aqui é coisa, foi material meu, montado por mim lá no Brasil, isso é”, ele: “Ah, Ivan você tá maluco!”, aí eu disse: “Não, isso é, essa montagem é minha, eu tenho certeza”, “Mas como é que?”, “Não sei, não sei, eu sei que é minha, eu estou estranhando. Parece muito com a minha”. Mas foi também um Carlis del Ponte, um grande entomologista da Argentina que foi como membro da Argentina, também um grande pesquisador, já morreu também. Um dos grandes entomologistas da Argentina, e foi um auxiliar dele que não me lembro o nome agora, não me lembro mais. Bom, estou me lembrando disso porque o Del Ponte num dos momentos, ele levou uma larva montada prá ver se, ele me botou no microscópio assim, como se fosse material coletado, eu dei um pulo tremendo, e foi uma gozação dele, mas o que aconteceu nas nossas investigações com Argentina e tudo isso, nós conseguimos a confissão do homem. O homem confessou afinal de contas no meio científico que ele tinha, o que foi, pouco antes, alguns meses antes, uma temporada antes, o Dr. Herman Lent tinha ido ao Paraguai para inaugurar. Ele criou, ele foi, o fato é que ele foi à inauguração e à instalação do Instituto de Higiene de Assunção, em Paraguai, e ele levou um material, tinha pedido prá nós um material de exame e aí nós mandamos uns dois a três exemplares de *Gambiae*, larvas montadas de *Gambiae* e de outros anofelinos. Então esse camarada pegou esse material e mandou como se tivesse coletado no Paraguai, e nós recebemos lá no Paraguai todo o apoio, houve uma missão argentina, missão paraguaia e a missão brasileira. Nós estivemos lá e foi uma coisa muito gostosa porque as três missões, dos três países, trabalharam irmãmente. Houve uma fraternidade grande, concordância das pesquisas nas conclusões, enfim, foi uma época muito gostosa, apesar de todos os países da América do Sul estarem, porque isso foi em 46, 1946....

LK - No tempo da guerra.

IR - Da guerra, e tudo isso, e ainda sofremos todos nós, mas foi uma coisa muito bonita e muito boa. Realmente foi muito agradável, e essa foi uma das últimas vezes que eu tive matéria de trabalho com o René, porque pouco depois eu fui... Fazer, não...

LK - Não, aí...

IR - Não, aí é início, é porque a última foi lá no Instituto de Malariologia, no Instituto de...

LK - É porque ele não fica praticamente lá no Instituto, porque em 57 ele sai, o senhor sai em 55.

IR - Saiu, saiu, pois é, mas daí começou a política, começou a política que ele foi embora. Lamentavelmente no Brasil é isso, né, espero que o novo governo, atual comece a por as pessoas de valor nos lugares de valor. A senhora vê, por exemplo, em inúmeros, inúmeros lugares o sujeito vai fazer uma especialidade fora do Brasil, se especializa, e depois vem fazer outra completamente contrária, não é isso? É uma coisa, e o René foi uma das vítimas dessa coisa. Então ele foi lá e num instante na OMS ganhou projeção porque só poderia ganhar, porque ele era realmente um grande entomologista, e de um tato, de uma (?), não sei, não sei realmente o que que houve com o René. Eu sei que ele ainda estava chefiando o Serviço de Entomologia aqui, aquilo foi feito com muito carinho, com muito amor, aquela coisa lá. Ainda me lembro que havia, eu estava dando, eu estava sozinho, René não estava, e um desses chefetes, né, apareceu por lá, não era do Instituto, vieram me chamar atenção, porque tem que dar satisfações ao chefe porque eu sou chefe. Eu falei, chefe daquela porta prá fora, daqui prá dentro sou eu, não tenho nada que dar satisfação ao senhor. O senhor já vem querendo humilhar, querendo, mas a história do passado do Brasil, dar uma de galã, né, e nós acostumados aquele grupo muito homogêneo, muito tranquilo, agora eu tenho a satisfação de ter visto muitos destes colegas irem prá frente, né, como o Roberto, como o Milton, como o Joaquim, como o Luis (?), até trabalhou aqui, o Luis (?) citava aí. E eu também, também que [...]. Quando eu voltei da Organização Mundial de Saúde, eu voltei ao Ministério. E devo lhe dizer que eu pedi demissão do cargo, pensando que poderia voltar ao Brasil, porque eu tinha aprendido lá, aprendi muito na Organização, a minha idéia foi essa, e foi uma boicotagem tremenda, tive que lutar prá poder...

LK – Por que naturalmente seria de o senhor voltar prá Belo Horizonte, né?

IR - Mas aí, bom, isso eu passei dois anos lutando aí, tinha direito a férias e fui convidado prá vir prá aqui. Então vim prá aqui e continuei, mas o René já tinha morrido, o clã, tiraram também o Bustamante, que a alma, a alma de todo esse trabalho era um grupo, um grupo que formou-se naquela época há muitos anos e que era muito unido.

LK - Tem Romero também.

IR - Romero era o diretor do Instituto, mas o Romero não fez parte do grupo, ele não era desse grupo.

LK - Não?

IR - Não, não, não, Romero era engenheiro, muito bom engenheiro, ele foi diretor do Instituto e tudo isso, mas ele não, o grupo esse relacionado com o, com os Institutos, justamente o René ocupou o lugar do Romero no Instituto de Malariologia, ele foi pro lugar do Romero, o grupo que começou, que levantou mesmo toda a parte científica da malária na ordem de valor. De tempo começou assim, toda essa história começou assim: José Oliveira Coutinho, Ivan Ricciardi, René Rachou, depois, um ano depois veio, René Rachou, depois Wanda, daí nos unimos a Mário Ferreira que uniu-se a gente. Mário Ferreira nessa época trabalhava em Belo Horizonte, e tinha um colega nosso entomologista muito bom, que morreu há dois anos, três anos, não vou me lembrar direito, e nós formamos um núcleo e nisso vinha Bustamante que vinha da que trabalhou na malária do Nordeste, do Nordeste ele veio pro Rio de Janeiro. Então formamos um grupo que iniciamos a formação dos entomologistas. A primeira coisa e isso tá publicado até na Revista de Malariologia, o curso de entomologistas. Daí iniciamos essa arrancada para dar todos, que se produziu centenas, dezenas de trabalhos, que fizeram do Serviço de Malária realmente uma potência científica, e que serviu de exemplos a muitos lugares, muitos países.

LK – Por que isso era mais ou menos um modelo?

IR - Foi um modelo que deixaram morrer.

LK - Porque na mesma época acontece a mesma coisa com o Serviço Nacional do Câncer, se cria o Instituto Nacional do Câncer, tem cursos que começam a trabalhar e formar pessoas. Então, aparentemente há um modelo criado aqui de serviços que mantém institutos de pesquisa, prá de alguma forma, influenciar o seu próprio trabalho, criar o seu pessoal.

IR - Hoje eu to vistando aqui um trabalho, dá [...], mas olha aqui veja só, (sobe volume de rádio).

IR - 1943, olha, esse aqui, olha Rachou, então ele, nessa época, mas aqui ele já estava com a gente, ele tinha feito esse trabalho, mas esse trabalho foi feito em [19]42, uma coisa assim, lá em São Paulo, viu? Foi quando ele terminou o curso de Malariologia lá em São Paulo; aqui não tem data, olha [19]33, aqui por exemplo, 30, 35, aí o Airosa Galvão, Airosa Galvão foi outro que nos deu, à distância, uma grande ajuda e Samuel Pessoa, o Coutinho era aluno dileto de Samuel Pessoa. Mas essa é a estirpe que criou, daí, desse grupo saíram elementos de grande valor, grande valor que muito fizeram pela...

LK - Dr. Ivan tem uma referência do Isnard Teixeira. Eu não consegui ainda ninguém que me falasse do Isnard Teixeira em referência...

IR - Naquela época toda não teve nenhuma, nenhuma.

LK - Pois é, eu não sei porque que ...

IR - As pessoas que tiveram alguma ligação com essa época, mas assim, não tiveram, no início foi Adel Vargas, Mário Barreto, aquele [João de] Barros Barreto, e teve também Konder, Konder foi uma das coisas, e lá em Belo Horizonte, uma grande ajuda que René recebeu e eu também recebi foi do doutor..., o que morreu agora esse ano foi o Dr....

LK - Amílcar?

IR - Amílcar [Viana] Martins, esse foi um grande incentivador e um grande apoio. Com ele viu a coisa ele tratou de apoiar, já foi [...], mas tudo, tudo nasceu da cabeça do René, o René foi o pai incontestado daquilo, eu fui o colaborador de tudo isso, um amigo, nós vivíamos juntos, nós viemos a nos tornar, eu não lhe contei no telefone porque nós viemos a descobrir que as nossas respectivas mães foram colegas anos e anos de Sacré-Couer, em Taubaté. Mas essa é a história toda, tudo isso aí. Na realidade queimaram uma coisa muito bonita que se podia fazer, com política, que foi botar gente prá burro lá em cima na, na Cidade das Meninas, porque a Cidade das Meninas, cada pavilhão, havia lá uns pavilhões que foram criados pra abrigar crianças não é isso? E esses todos foram nos dados, nós fomos prá ir lá e voltar e era uma situação muito gostosa.

LK - É, o Dr. Paulini, aliás a Dra. Livia reclama muito, porque levava muito tempo prá chegar lá.

IR- Ah é, chegava a três horas.

LK - Ela ficou cansada.

IR - Eu ia contar outra anedota que nós tínhamos dessas coisas. Nós estávamos fazendo estudos de *Plasmodium Brasiliensis*, com Vivax. Então recebíamos muitos macacos prá operar, prá fazer esplenectomia¹, prá aumentar a resistência dos macacos, e operávamos muitos macacos, e nós nos tornamos hábeis e tinha uma médica que era a nossa assistente, que era a dra. Regina. A dra. Regina trabalhou lá, começou a trabalhar comigo e com Causey. Então a Regina nessa época era mocinha recém-formada, e nós operávamos. E um dia lá, nós íamos de caminhoneta até Cascadura, em Cascadura tomávamos, era Cascadura que nós íamos? O fato é que nós dois tomávamos um ônibus, que, a linha 74, a linha ia nos deixar no Méier, mas olha, estamos viajando, nesse celeberrimo dia, nós estávamos preocupados, e quando nos sentamos, sentamos justamente assim no primeiro banco, atrás.

Fita 2 - Lado A

IR....A Regina começou assim: “Pois é, Ivan, não precisava ele fazer isso, deixar o coitadinho na mesa assim sobre o mato, com a barriga aberta, deixar o bichinho coitadinho, estirado assim”, e eu prá Regina: “Não Regina, mas é isso mesmo, eu posso ter esquecido, não suturou mesmo, não fez mesmo, aquilo é laparotomia simples e não, mas não, eu não concordo com você. Dá muita pena, deixar morrer assim, na mesa de operação, é muito chato, eu não concordo, não também não concordo”, e tava aquele

¹ Cirurgia que consiste em retirar o baço ou parte dele.

vai e vem. Daqui a pouco só ouço aquele barulho assim ‘Tran!!!!’, eu olho, espiando todo mundo levantando [falando]: “Miseráveis, cachorros, é porque não é o filho de vocês que ia morrer na mesa, e acham que é nada”, aí a Regina morrendo de rir, e nós íamos contar aí, um sujeito já querendo nos pegar pelo pescoço e aquela coisa, e aí, “Não moço, não, um minuto, é macaquinho, não é gente, não”, (Risos). O colega que estava fazendo a laparotomia errou na seção de uma das artérias, errou e uma [...] hemorragia e ele não conseguiu chegar e ele ficou amuado, deixou na mesa e foi embora. Quando nós chegamos o macaquinho estava morto, (?), gênero (?), mas, por exemplo, mas o sujeito quis nos pegar, pensou que nós tínhamos deixado no [...] na mesa de operação, ah, Regina, aquilo foi uma coisa louca.

LK - Ele saiu apavorado.

IR - Apavorado, mas então era esse grupo que tá lá, mas antes toda a origem, foi essa aí que como eu lhe disse.

LK – E o grupo que foi prá lá, prá Belo Horizonte, por que houve uma seleção natural?

IR - Não, aí não houve. No caso ninguém soube; eu só consegui levar o Roberto, esse rapaz da administração e lá contratei o Schreiber e contratei um rapaz lá que se suicidou...

LK - O, eu sei sei bem.

Interrupção da gravação

IR - Ficou o Pellegrino, o Pellegrino, o Amílcar, que tava chefiando toda essa coisa, a aí eu voltei, eu vim, o René ficou, eu não sei mais quem foi prá lá. Eu nunca mais soube, depois sim vim a saber que entrou Alda [Falcão] porque eu fiquei anos fora. Fiquei quase 16 anos fora do Brasil, continuamente sem voltar, então não soube de mais nada, mas a origem do instituto René Rachou é esta e é a primeira vez que alguém ouve contar que eu tive o prazer de colaborar com a equipe, porque nunca ninguém me quis nada.

LK - É, mas é uma referência, são várias pessoas, desde o Naftale Katz, começou com o Aragão...

IR - O Aragão, olha o Aragão é outro indivíduo fantástico, sabe, o Aragão na minha opinião, o Aragão é o mais completo biologista que nós temos. Ele tem uma cultura geral extraordinária, tem uma capacidade de raciocínio muito boa; herdou do seu pai todo um cabedal científico e desenvolveu de uma maneira estupenda, e tem uma característica que hoje a gente quase não encontra: ele também é contemporâneo meu em idade... ele era tão bom no laboratório como no campo.

LK - [...]

IR - É a grande falta que nós temos hoje, olha nós íamos pro campo, trabalhávamos no campo, vivíamos no campo, saíamos do campo, e o Aragão, a mesma coisa. Ele trabalhou, depois de dois anos ele foi prá (...) e encontrou também muitas coisas interessantes prá fazer, e ele é, ele tem trabalhos muito bons, ele tem, fazia um trabalho

muito interessante de bromélias, sobre a luminosidade dentro da floresta. Esse trabalho é de sumo valor, de suma importância, tanto do ponto de vista ecológico como epidemiológico, porque muda a selva, modifica o comportamento, as intempéries modificam seu comportamento em relação à intensidade luminosa se é só da parte superior da floresta. E há muitos, ele tem dezenas de trabalhos e ele já foi, ele foi uma pessoa que viu as coisas, não assim, não esteve nisso aí.

LK - Mas já mais de fora.

IR - Mais de fora, e muito tempo depois, porque ele era todo lá pelo Manguinhos.

LK - E a fábrica de aquela famosa fábrica?

IR - Essa famosa fábrica, eu vou lhe explicar, dar também toda a história da fábrica. Que aliás teve aqui uma pessoa e eu expliquei isso. Aquela fábrica foi o seguinte: quando se começou, quando começou o advento do DDT e poucos anos depois apareceu o BHC. O Pinotti querendo, Dr. Mário Pinotti querendo economizar, querendo modificar as coisas nacionais; ele conseguiu a contratação de Kenner, de um químico holandês, Kenner, Kennedy, não, mas um nome assim. E esse Kenner com o Barragat, com o Barragat, que está aqui no Instituto Oswaldo Cruz, eles conseguiram uma fabricação do Hexacloro Benzeno, do BHC, em condições muito favoráveis às nossas necessidades. E nós estivemos estudando, nós fizemos prova disso, até testes, eu mesmo fiz testes sobre isso com o Paulini, mas Paulini não esteve nesse todo aí. Então, essa fábrica foi instalada lá na Cidade das Meninas, e corria tudo muito bem. Qual não foi a minha surpresa, há pouco, em questão de meses aqui, eu mesmo tive a notícia no jornal que havia pessoas que estavam tendo intoxicações por BHC naquela área. Então, eu orientei aqui até um funcionário da Feema (atual Instituto Estadual do Ambiente - Inea), um [...] sobre isso, e isso com certeza o que foi, eles, eles com certeza, guardaram os devidos resíduos da fábrica e enterraram lá. É a única coisa que eu posso imaginar, porque isso foi realmente uma fábrica feita, construída pelo Ministério da Saúde, pelo Serviço de Malária, naqueles idos de 1940 e tantos, foi, eu não me lembro a época em que foi criada a fábrica, mas eu quando saí em 1955, deixei a fábrica aí.

LK - É porque o Mário me disse que depois há um acidente, parece violento, um pequeno acidente e depois um acidente mais violento, e aí a fábrica foi fechada...

IR - Eu não soube disso, eu não soube disso.

LK - Ele até acha que o acidente foi muito estranho porque a fábrica estava funcionando bem, um dos acidentes é uma troca de botijões que tinham cores diferentes, mas um botijão [...] tinha um gás diferente. Então, parece que é uma coisa meio nebulosa, tanto que aí eu...

IR - O Kenner, não, não era Kenner, era

LK - É um nome parecido com...

IR - É, ele morreu até numa explosão lá em São Paulo, o irmão dele...

LK - Ele morreu?

IR - Morreu lá numa explosão, é... em São Paulo, uma explosão química, num laboratório químico, que eu soube. Mas antes, uns dois anos antes de ele ir pra São Paulo, o irmão tinha morrido numa explosão lá na Holanda. Não, o Kenner não morreu de explosão, não, o Kenner morreu, não, ele morreu de uma infestação parasitária no cérebro. Ele teve uma infestação parasitária por um helminto, se não me engano, que lhe afetou o cérebro, pelo menos isso eu vim a saber. Não sei o quanto de verdade tem nisso, não sei o quanto de verdade tem nisso, sei que foi uma coisa grave, e era um rapaz extraordinário, era um moço muito bacana, muito bom, muito estudioso. Ele... aliás, eu devo a ele por ter melhorado de condições porque eu lá no Instituto de Malariologia eu tinha um posto de general com soldo de soldado, e ele vendo esse negócio, foi pra São Paulo trabalhar numa companhia, uns dois meses, três meses depois ele voltou pra me convidar pra eu trabalhar lá em São Paulo. Foi aí que eu fui pedir demissão ao Pinotti. Eu disse: “Olha, não adianta Pinotti, aqui eu não tô ganhando nada”, e lá, mas e ele... “É lamentável”, [...] foi aí que eu consegui um aumento e melhorar minha condição. Melhorar um pouco, mas aí, mas foi pouco tempo, depois eu fui me embora também. E aí se encerra a história de Ivan Ricciardi.

LK - Por favor, Dr. Ivan ligue ou escreva para dona Livia e Dr. Paulini.

IR - Ah, vou escrever, tem o endereço deles?

LK - Tenho. Eu vou anotar no meu caderno, eu vou ligar pro senhor, eu fico lhe devendo o endereço.

IR - Quando estive com ele da última vez?

LK - Em agosto.

IR - Ah, agosto, é?

LK - É, eu fui fazer a entrevista com eles.

IR - Mas e trabalha aqui no Rio mesmo? A senhora?

LK - Eu trabalho aqui no Rio, mas fui a Belo Horizonte pra fazer o levantamento da documentação, aí tive o desprazer de saber que muita coisa foi posta fora. Um funcionário lá pegou e vendeu aquilo como papel velho, quer dizer, papel velho que é o meu material de pesquisa...

IR - Veja só...

LK - E aí eu comecei a entrevistar as pessoas, entrevistei a Alda, entrevistei o seu Cícero, entrevistei o João Prezado, um grupo de pessoas da época, que haviam sido transferidas...

IR - Hamilton não está lá não, Milton, Hamilton que chamava Padreco. Esse foi um rapaz que foi trabalhar lá? Era entomologista?

LK - Esse eu não entrevistei.

IR - Xavier, Hamilton Xavier.

LK - O Xavier não quis ser entrevistado.

IR - Ah, não quis?

LK - Não quis, eu acho, se não me engano é ele, eu vou ter que olhar a minha lista, porque ele fugiu! A gente chegava lá, ele saía, que tinha uma coisa importante...

IR - Ele sempre foi muito tímido...

LK - É, era isso que o pessoal tava falando. (Lisabel revisa sua lista de entrevistados). O endereço eu tenho, não tem nenhum problema, posso mandar pelo Correio...

IR - Ah, não, ih, correio, correio é mais fácil, mete no Correio, tem o endereço daqui?

LK - Tenho, Rua 23, é no primeiro andar, né? Mas aí chega?

IR - Chega, chega.

Não há gravação do Lado B